

O REFINAMENTO DO GOSTO E DA PAIXÃO EM DAVID HUME

Carlos Roberto Alves Lima ¹

Resumo: *A presente comunicação trata da discussão do ensaio “Da delicadeza do Gosto e da Paixão”, e a influência que a paixão e o gosto têm sobre os indivíduos. Tal discussão nos conduz ao tratamento dado por Hume acerca das “paixões calmas” e “violentas”, no livro II do Tratado. Veremos que para Hume, ambas as delicadezas consistem numa predisposição dos indivíduos em relação aos objetos, livros, obras de arte e companhias, sentimentos estes que perfazem a natureza humana.*

Palavras-chave: Gosto; Paixão, Refinamento; Beleza

“Da Delicadeza do Gosto e da Paixão” ² é o primeiro dos ensaios humeanos, através do qual se inicia toda uma pauta de debates que foram discutidos por David Hume em relação à sociabilidade. Nesta comunicação discutiremos a influência que a paixão e o gosto têm sobre a formação social dos indivíduos, ao tempo que verificaremos ainda uma ligação entre tal ensaio e o livro II do Tratado da Natureza Humana com relação às “paixões violentas” e “calmas”. Sendo assim, procuraremos mostrar que essa relação não é trivial, ou mesmo distante da “ciência do homem”.

Nesse ensaio há dois tipos de “delicadezas”: a “delicadeza da paixão” que afeta alguns homens, dispendo-os para os acidentes da vida, proporcionando-lhes uma sensibilidade extrema tanto aos infortúnios quanto às alegrias da vida. Em outras palavras os indivíduos tomados por tal sentimento, estariam propensos a sentir alegria e dor com mais intensidade. Sendo assim, pelo fato de sentirem com tanta vivacidade tais paixões, “homens com tal índole intensa tendem a ser levados além de todos os limites da prudência e da discrição, e dar passos em falso na condução de sua vida” (HUME, 2001, p. 96).

A “delicadeza de gosto”, assemelha-se em grau com a “delicadeza da paixão” quanto à ampliação de nossa felicidade ou miséria, ou seja, sua semelhança se dá por grau em relação ao objeto. Contudo, “o objeto que a toca não é a paixão e sim a beleza ou a deformidade” (SALLES, 2007, p.93). No que tange ao gosto não é a paixão que nos determina, mas sim o sentimento do belo e do feio.

Uma vez que, para Hume, por força das paixões, o sentimento do gosto deveria ser almejado e cultivado, porquanto, é através do gosto que de certa maneira preferimos determinadas coisas em detrimento de outras, pois, “podemos escolher os livros que iremos ler, as diversões de que vamos participar e a companhia de que vamos desfrutar” (HUME, 2004, p.97). A “delicadeza de gosto” relaciona-se com a percepção que as paixões despertam nos indivíduos, “tirando de sua experiência um vivo prazer ou desprazer” (SALLES, 2007, p. 93).

¹ Autor. Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA. Email: carlosralima@gmail.com

² David Hume. Ensaio Morais, Políticos e Literários – EMPL (2004).

Dessa maneira, para nos esquivarmos dos excessos produzidos pela “delicadeza da paixão”, Hume considera de fundamental importância o aprimoramento do bom gosto e seu refinamento³ para a construção do nosso caráter, haja vista que “habilitam a julgar o caráter dos homens, a composição do gênio e a produção das artes mais nobres” (HUME, 2004, p.98). É no cultivo do “gosto” que encontramos a chave para nos afastar dos incômodos causados pelos excessos das paixões, o que permite um fortalecimento dos nossos juízos de gosto, influenciando tanto a relação com as ciências quanto na moral. Então, não seria exagero por assim dizer, que para Hume haveria um gosto moral⁴ o qual “nenhum homem que seja desprovido de bom senso e gosto sólido será capaz de fazer um julgamento crítico minimamente razoável” (HUME, 2004, p.98).

A promoção do gosto, não significaria uma insensibilidade, ou indiferença as paixões, ao contrário, esse refinamento, de forma alguma, extinguiria a sua delicadeza fazendo com que aumentemos ainda mais a nossa sensibilidade com relação a todas às paixões, de tal sorte que a mente fica impedida de quaisquer emoções, sejam elas grosseiras ou violentas⁵. Hume diz:

Em *primeiro* lugar, nada é tão benéfico ao temperamento quanto ao estudo das belezas, [...]. As emoções que elas excitam são suaves e ternas; predispõem o espírito à tranqüilidade [...], de todas as disposições da mente, é a mais adequada ao amor e à amizade. Em *segundo* lugar, uma delicadeza de gosto é favorável ao amor e à amizade por limitar a nossa escolha a menos pessoas (HUME, 2004, p.99).

Ora com isso já se esboçaria uma continuidade da “ciência do homem” com o ensaio “Da Delicadeza do Gosto e da Paixão” entre as “paixões violentas” e “calmas”, e, segundo nos parece, tal concatenação é embasada pelo próprio Hume na advertência do Tratado, assim dizendo: “se eu tiver a sorte de ser bem-sucedido, procederei ao exame da moral, da política e da crítica, o que completará este Tratado da natureza humana” (HUME, 2001, p.17).

Assim como fizera no livro I do Entendimento, também no livro II Das Paixões, Hume faz a mesma distinção entre *impressões* e *idéias*. Contudo, tal relação pode ser subdividida em “*impressões de sensação*” e “*impressões reflexivas*”, essa última ainda pode ser dividida em dois tipos: paixões violentas e calmas; a primeira se relaciona com nossos sentimentos de amor e ódio, tristeza e felicidade; a segunda, por sua vez, diz respeito ao sentimento do belo e do feio em relação às ações, aos objetos externos e as obras de artes⁶.

E o exame das paixões nos evidencia uma relação que pode estar tanto nos sujeitos quanto nos objetos, uma vez que surge algo peculiar na mente que desperta as paixões. De certa forma, as ações, a beleza de nosso corpo e a relação de sociabilidade nos faz refletir acerca da paixão do orgulho e da humildade, sendo que o orgulho nos suscita um prazer, a humildade gera

³ David Hume – Tratado da Natureza Humana. Trad. Deborah Danowski – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

⁴ Muitos comentadores concordam com tal asserção de um gosto moral em Hume, entre eles podemos exemplificar; Jerrold Levinson, Timothy M. Costelloe, Dabney Townsend, John Immerwahr e Peter Jones.

⁵ Hume, 2001, p.99.

⁶ Hume, 2001, p.310-311.

um desprazer, e dessa maneira determinando as ações e, por conseguinte, de forma semelhante podemos a partir dessa argumentação de Hume estender a mesma, com relação à “delicadeza da paixão” e do “gosto” para à construção do refinamento e da moral.

De fato, para Hume, o orgulho e a humildade são vistos como impressões simples e idênticas, embora sejam opostas revelam o mesmo objeto, o eu, cuja função é fixar nosso olhar para o objeto em que somos impelidos pelas paixões⁷. A beleza por si, não despertaria ou geraria orgulho ou humildade, como também sem a beleza ou algo do gênero não causaria influência alguma em nossa paixão, mas só podemos considerar tal beleza mediante um contato relacionado conosco, em conjunção na produção da paixão.

Dessa forma, o orgulho e a humildade têm uma relação com a virtude e o vício, na medida em que são causas na produção do prazer e do desprazer, sentimentos de formação que integram nosso caráter. “Portanto, sendo as causas originais do vício e da virtude, devem ser também as causas de todos seus efeitos e, conseqüentemente, do orgulho e da humildade, que acompanham inevitavelmente essa distinção” (Hume, Tratado, p.330). Cabe ressaltar que, as paixões do orgulho e da humildade acentuam nossos sentimentos em força e grau, e que não é necessária uma discussão para explicar tais termos em relação às sensações, pois Hume diz-nos que “por *orgulho* aquela impressão agradável que surge na mente [...], com humildade, refiro-me à impressão oposta” (HUME, 2001, p.332).

Por sua vez, a beleza e a deformidade proporciona um deleite agradável e desagradável, e que a beleza gera um sentimento aprazível próprio, já a deformidade produz em nós um sentimento de desprazer. Sendo então, circunstâncias que estão conectadas com o nosso eu, objeto que circunscreve ambas as paixões. E que “o prazer e o desprazer, portanto, não são apenas os concomitantes necessários da beleza e da deformidade, mas constituem sua essência mesma” (HUME, 2001, p.333)

Observamos que no ensaio “Do Padrão de Gosto” a delicadeza de gosto desempenha uma importante função, quanto à condução das paixões em meio aos julgamentos proferidos do que vem a ser um padrão de gosto. Pois, tal delicadeza nos guia em direção ao refinamento de nosso julgamento do belo e do feio, do vício e da virtude, da beleza e da deformidade, abrandando a força que as paixões pungentes exercem sobre o espírito, dando uma disposição natural a buscar e avaliar qualquer beleza e deformidade⁸. E que “as emoções mais sutis do espírito são de natureza extremamente delicada e frágil, [...]” (Hume, 2004, p.375).

Os indivíduos tocados pela delicadeza do gosto têm uma acurácia mais satisfatória diante as paixões fortes e violentas, torna-se evidente que a falta desse refinamento ou delicadeza gera uma sensação de ausência, no que tange uma melhor percepção do sentimento do belo que os sujeitos devem produzir, e que a inexistência de tal *delicadeza* na imaginação⁹ faz com que não tenhamos a experiência adequada que tal beleza nos possibilita ter, pois é necessário para a construção do juízo de gosto ser dotado de tais emoções e sutileza no refinamento, é almejando tal delicadeza que conseguiremos, segundo Hume, desviar-nos dos infortúnios que a delicadeza da paixão nos reserva.

⁷ Idem, 2001, p.311.

⁸ Hume, David. 2004, p. 375.

⁹ Idem, 2004, p. 377.

Verificamos que no ensaio “Da origem e do progresso das artes e das ciências” a delicadeza do gosto desempenha semelhante função, no tange um efeito suavizante de nossas avaliações, sendo importante para o processo de desvelamento das falsas impressões e sutilezas que ora nos cercam, e por isso, nos auxilia no melhor caminho a seguir não nos deixando desvencilhar do assunto de investigação, propiciando ainda uma melhor oportunidade de escolha dos estudos e interações com outros seres humanos, intensificando nosso conhecimento tanto dos livros, das paixões e dos refinamentos, fato este que escapa por vezes ao senso comum que se deixa levar pela delicadeza da paixão¹⁰. E segundo Hume, embora haja alguns indivíduos que não se deixam levar pela força de tais paixões fortes, muitas vezes, “elas, ainda assim a multidão será certamente levada pelo sentimento comum, que a governará em todas as suas ações” (HUME, D, p. 224).

Doravante, assinalaremos a reflexão que John Immerwahr faz sobre a questão da felicidade em Hume, mas o que mais nos interessará e da qual concordamos com Immerwahr, é sua tese a qual podemos extrair dos ensaios humeanos uma filosofia enquanto terapia¹¹. Com efeito, para Immerwahr, Hume pensava que seus ensaios ajudariam a regular e direcionar nossos sentimentos, e que a trama argumentativa seria representada a luz do ensaio “Da Delicadeza do Gosto e da Paixão”¹². Cabe ressaltar que este é o ensaio inaugural no qual se introduz toda uma pauta de reflexão e argumentação sobre a sociabilidade, gosto, moral e política. Tal ensaio desempenharia uma função terapêutica com relação ao tratamento teórico, para uma filosofia popular em relação a uma filosofia abstrusa.

Embora, observa-se que Hume ao longo de sua reflexão acerca da delicadeza de gosto faça o uso de terminologias fáceis e sutis, a tese principal inferida diz respeito à teoria das paixões, ora refletida no livro II do Tratado¹³. Por fim, Immerwahr constata que o conjunto dos ensaios humeanos principalmente àqueles relacionados à felicidade, e cremos que podem ser estendidos aos demais ensaios, pois apresentam uma cura diante dos raciocínios abstrusos e as paixões violentas, ou ainda, é a uma medicina da mente ou do espírito na qual encontramos um antídoto supremo¹⁴ a tais paixões e raciocínios, e é por meio do refinamento do gosto que alcançaremos a felicidade, tal resposta dar-se-ia através da uma busca terapêutica que se faz necessária para continuar a filosofar.

Portanto, o presente ensaio possui um diálogo com as paixões violentas e calmas, visto que é papel “da delicadeza de gosto” promover o cultivo e o refinamento ao tempo que suaviza os excessos da “delicadeza da paixão”, promovendo os laços de sociabilidade possibilitando um julgamento crítico, no que diz respeito tanto ao nosso caráter quanto em relação aos objetos e obras de artes. Do mesmo modo, podemos relacionar à análise das paixões violentas e calmas, que tão logo se apresentam à mente, despertam os sentimentos de prazer e desprazer, e estariam

¹⁰ David Hume. Da origem e do progresso das artes e ciências, p. 223.

¹¹ John Immerwahr. Hume’s Essays on Happiness. Hume Studies Vol. XV (1989). Neste ensaio, Immerwahr discute a relação da felicidade analisando quatro ensaios humeanos: O Epicurista, o Estóico, o Platônico e o Cético, sua tese geral é que há um elemento de ordem terapêutica em podemos extrair de tais ensaios acerca da felicidade.

¹² Idem, 1989, p.318.

¹³ Ibidem, 1989, p.318.

¹⁴ Ibidem, 1989, p.321.

na sua depuração a compreensão das suas causas, relações e influências sobre o espírito. E que o orgulho, a humildade, a beleza e a deformidade fazem parte da relação das paixões, no exame das paixões calmas e violentas, e tal análise pode ser relacionada ao ensaio acerca “Da delicadeza de gosto e da paixão”.

Sendo assim, há uma continuidade da pauta do Tratado com os Ensaaios, já que nesse podemos encontrar um esboço das principais idéias estabelecidas na “ciência do homem”¹⁵. É inegável a contribuição humeana no campo da epistemologia e moral sendo que os Ensaaios ficaram à margem do diálogo filosófico no pensamento de Hume, devido aos vieses interpretativos dos comentadores privilegiando o Tratado e as Investigações,¹⁶ E que no conjunto dos ensaios humeanos podemos extrair uma terapia mental, na qual podemos desenvolver uma medicina da mente dos conceitos filosóficos abstrusos, bem como da força das paixões violentas, por meio do refinamento do gosto em busca da felicidade¹⁷.

Por fim, ainda que Hume não tenha seguido os moldes sistemáticos do Tratado, a trama argumentativa dos Ensaaios retoma os temas da moral, da política e da crítica num plano prático promovendo o diálogo entre o mundo da conversação e o mundo dos eruditos.

REFERÊNCIAS

Hume, David. **Tratado da Natureza Humana**. Trad. Déborah Danowski. – São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. **Ensaaios, Morais, Políticos e Literários**. Rio de Janeiro: Liberty Fund, Editora TOPBOOKS, 2004.

_____. **Do Padrão de Gosto**. In: **Ensaaios, Morais, Políticos e Literários**. Rio de Janeiro: Liberty Fund, Editora TOPBOOKS, 2004.

_____. **Da Origem e do Progresso das Artes e Ciências**. In: **Ensaaios, Morais, Políticos e Literários**. Rio de Janeiro: Liberty Fund, Editora TOPBOOKS, 2004.

Immerwahr, John. **The Anatomist and the Painter: The Continuity of Hume’s Treatise and Essays**. In: **Hume Studies** Vol. XVII, n 1 (April, 1991) p.1-14.

_____. **Hume’s Essays on Happiness**. **Hume Studies** Vol. XV (November 1989) p. 307-324.

Salles, Fernão de Oliveira. **Hume: do Gosto e da Paixão. Mente**. Cérebro e Filosofia, São Paulo, SP, p. 90–98, 10 maio 2007.

¹⁵ John Immerwahr. The Anatomist the Painter. **Hume Studies** Vol. XVII (1991).

¹⁶

¹⁷ John Immerwahr. Hume’s Essays on happiness. **Hume Studies** Vol. XV (1989).